



---

## **BESSIE HEAD: VISLUMBRES DE UMA VIDA MARCADA PELA INSANIDADE**

Valdirene Baminger Oliveira – UFMT – val.estudio7@gmail.com

### **Introdução**

#### **A escrita de si e as cartas**

A escrita de si, como prática, não é algo que surge com a Modernidade. Ao analisar a cultura de si da Antiguidade, Michel Foucault (2006) encontra a ideia da necessidade de discursos racionais e verdadeiros como preparo para o futuro e para a vida do homem virtuoso. O filósofo se depara então com algumas condições para que esse discurso possa se efetivar, dentre elas a importância de se escutar, de se escrever e do retorno sobre si. Em outras palavras, ele aponta para a importância de se auto-conhecer por meio da escrita. Assim, percebe-se que a prática de uma escrita de si ou de uma escrita pessoal já existia no modo de subjetivação antigo-clássico. Essa escrita, de acordo com o autor, referia-se às notas sobre leituras, conversas, reflexões e apontamentos sobre determinados assuntos importantes (que os gregos denominaram *hypomnēmata*) e que poderiam ser relidos de vez em quando.

Esse tipo de escrita objetivava também reelaborar internamente as ideias fragmentadas que eram obtidas por meio da prática dessa escrita, estabelecendo um sentido e coerência interior no indivíduo. Nas palavras de Foucault: “tratava-se de constituir a si mesmo como sujeito de ação racional pela apropriação, a unificação e a subjetivação, de um já-dito fragmentário e escolhido” (FOUCAULT, 2006, p. 640). Ou seja, o ato de escrever sobre si contribuía para que o indivíduo se constituísse como sujeito racional, uma vez que, nesse jogo de se apropriar, unificar e subjetivar aquilo que já havia sido dito de forma fragmentada, poderia haver uma reformulação interna de modo a produzir novos sentidos.

Nessa direção, entendemos que, na atualidade, a escrita de si, dentro do universo das narrativas bio e autobiográficas, também pode se constituir como uma estratégia que propicia uma unificação interna a partir de subjetividades fragmentadas. A carta é uma dessas formas de escrita de si. Essa escrita precisa não apenas de um distanciamento geográfico entre o remetente e o destinatário, para ser caracterizada como carta, mas também de um receptor que irá manter uma relação de troca com essas subjetividades; daí a afirmação de Foucault de que o ato de escrever seria também o ato de mostrar-se ao outro. A escrita em forma de carta apresenta situações vividas no cotidiano, notícias (boas ou ruins), relatos de histórias e uma infinidade de informações sobre assuntos diversos. A estrutura da narrativa, geralmente iniciada com o local e a data, situa o leitor no tempo e lugar e acaba, por vezes, estabelecendo uma linearidade a eventos que nem sempre acontecem ou aconteceram em ordem cronológica. Embora no livro as cartas estejam em ordem cronológica, aqui, as utilizaremos conforme a demanda da análise.

Walnice Nogueira Galvão e Nádia Battella Gotlib (2000) propõem uma análise fenomenológica de cartas, uma vez que não existe uma teoria específica para o estudo sobre as mesmas, dado o caráter plural do objeto e a diversidade de suas abordagens. Assim, nossa análise deve considerar as circunstâncias de sua produção e recepção, ou seja, faremos a análise, considerando o momento sócio-histórico e as circunstâncias em que tanto a remetente, nesse caso a escritora Bessie Head, quanto o destinatário, aqui, o editor Randolph Vigne, se encontravam. As autoras, na obra *Prezado Senhor, Prezada Senhora* (2000), também postulam que a literatura epistolar ocupa uma zona intermediária entre a ficção e a história e que pode ser entendida como uma fonte de informações sobre o universo privado e público, uma vez que tratam de relações tanto pessoais quanto sociais. A epistolografia, na qualidade de gênero híbrido, constitui-se como um campo fértil de diferentes subjetividades que acabam por aproximar remetente e destinatário. Assim, a seguir, procederemos à análise da obra.

### **Um gesto de pertença**

*A gesture of belonging: letters from Bessie Head, 1965-1979*<sup>1</sup> (1991) é um livro basicamente composto por 107 cartas que Randolph Vigne trocou com a autora ao longo de quatorze anos. Seu título refere-se a uma frase que a autora escreveu na página final do

---

<sup>1</sup> Um gesto de pertença: cartas de Bessie Head, 1965-1979 (tradução minha).

romance *A question of power* e alude a um desejo de pertencer a um lugar, uma vez que tanto Head quanto a protagonista do romance eram, então, apátridas. O livro possui 229 páginas e foi organizado de acordo com a ordem cronológica das cartas; assim, ao final de determinados períodos, há um comentário do autor sobre os acontecimentos narrados nas cartas daquele período, totalizando 6 comentários ao longo de todo o livro. Já na introdução, Vigne explica que “[a]s cartas que se seguem dividem-se em sequências escritas de seus vários endereços. Elas exigem pouca elucidação ou comentário por mim: o que parece ser necessário aparece depois de cada sequência” (VIGNE, 1991, p. 7, tradução minha).

Vigne e Head se conheceram na África do Sul por meio de um círculo de amigos, formado por ativistas políticos e escritores do qual ambos participavam. Posteriormente, devido a posicionamentos políticos divergentes aos do governo da época, muitos desses intelectuais foram presos ou precisaram deixar o país. Assim, Vigne muda-se para a Inglaterra e Head torna-se uma exilada em Botswana, país vizinho da África do Sul. No entanto, para entendermos a natureza dessa relação e os motivos que os levaram a se corresponderem por tantos anos, é necessário que antes conheçamos um pouco da vida e obra da escritora.

Bessie Amelia Emery nasceu em 1937, numa época bastante difícil, em que a política de segregação racial, conhecida como *apartheid*, estava em pleno andamento na África do Sul. Sua história de vida está intrinsecamente ligada à história da África do Sul e de Botswana. Ela nasceu de uma união considerada “ilegal” entre uma mulher branca de origem inglesa e um homem africano negro e, por isso, sua mãe foi obrigada a dar à luz em um sanatório. Logo depois, após ser rejeitada por famílias brancas e negras, acaba sendo adotada por uma família *coloured*<sup>2</sup> como ela, com a qual permanece até a idade de treze anos.

Após esse período, vai estudar em um colégio interno missionário e, posteriormente, trabalha como professora por algum tempo. Depois, consegue um emprego como jornalista, época em que começa a tomar gosto pela escrita. O sobrenome Head (que ela manteve por toda a vida) veio por meio do casamento com Harold Head, em 1961. A união, porém, acaba fracassando e, na tentativa de fugir tanto dessa situação quanto da opressão do *apartheid*, ela muda-se, com um filho pequeno, para Botswana, em 1964. As línguas faladas naquela região eram o inglês, mas principalmente o tswana, uma vez que a população era composta em sua grande maioria por aldeões que viviam na zona rural. Nas cartas, há menções às dificuldades

---

<sup>2</sup> O termo *coloured* foi criado na África do Sul, durante o regime de *apartheid*, para designar pessoas nascidas do relacionamento inter-racial entre brancos e negros.

enfrentadas pela protagonista em relação à língua tswana, uma vez que a língua oficial falada na África do Sul é o inglês e, portanto, é a língua materna da escritora. Lá, ela permanece em condição de refugiada por 15 anos até, após inúmeras tentativas, finalmente ganhar a cidadania.

Seus três romances, *When rain clouds gather* (1969), *Maru* (1971) e *A question of power* (1973), foram escritos em Botswana durante esse período. No entanto, além dos romances mencionados, Head escreveu ainda outras obras e coletâneas de contos, algumas das quais foram publicadas postumamente, a saber: *The collector of treasures and other Botswana village tales* (1977), *Serowe: village of the rain wind* (1981), *A bewitched crossroad: an African saga* (1984), *Tales of tenderness and power* (1990), *A woman alone: autobiographical writings* (1990) e *The cardinals. With meditations and short stories* (1996), entre outros. As cartas que ela trocou com amigos e estudiosos foram reunidas em algumas coletâneas, também publicadas após a sua morte, são elas: *A gesture of belonging: letters from Bessie Head, 1965-1979* (1991), editada por Vigne; *The creative vision of Bessie Head*, de Coreen Brown (2003); e *Imaginative trespasser: letters between Bessie Head, Patrick and Wendy Cullinan 1963-1977*, compilada por Patrick Cullinan (2005). Tais cartas se tornaram extremamente profícuas para a análise das obras da autora, uma vez que as “interpretações” podem ser feitas à luz de suas próprias palavras e impressões.

Enquanto ainda estava na África do Sul, por um breve período de tempo, Head participou do Partido Pan-Africano (que criticava as políticas do governo) e acabou sendo detida com uma carta de conteúdo suspeito em mãos. O episódio a levou até a presença de um juiz para dar explicações e, por isso, quando decidiu deixar o país, ela teve que assinar um termo de compromisso de nunca mais voltar. Isso também pode ter sido a causa da demora em conseguir a cidadania Batswana<sup>3</sup>. Esse fato pode ser confirmado pela própria autora, na carta escrita a Vigne, então editor do jornal *The New African* em Londres, em 11 de dezembro de 1967:

A ideia de ser uma grande escritora simplesmente não me absorve agora. Faz-me sentir doente e eu me sinto com medo de pensar em todas as pequenas decisões insignificantes e rumores de refugiados que são a vida para mim agora. Um dos rumores é que eu não tenho chance de conseguir residência permanente na África porque eu fui uma testemunha do estado em

---

<sup>3</sup> Batswana refere-se a quem é autóctone do país Botswana.

1960 sobre um caso em que uma carta foi encontrada em minha posse (HEAD, *apud* VIGNE, 1991, p. 51, tradução minha).

A luta de Head durou quinze longos anos, nos quais a condição de apátrida trouxe grandes complicações para ela e para o filho, pois, por não ter documentos de viagem, foi obrigada a permanecer no país como refugiada durante todo esse período, como pode ser observado por meio do excerto retirado da carta do dia 13 de agosto de 1971:

Muito obrigada por suas cartas. Eu não estou tão louca e deprimida como na última carta que escrevi para você. Pelo menos eu estou em pé, com as pernas muito instáveis. Deus sabe como eu gostaria de poder ir a algum lugar. Isso não pode ser feito tão facilmente, quando você não tem documentos de viagem e eu tenho estado em contato com a Organização das Nações Unidas por anos [...] (HEAD, *apud* VIGNE, 1991, p. 145, tradução minha).

Ao longo de toda a sua vida, Head lutou contra a opressão racial e social, contra a pobreza extrema e apoiou a luta a favor do feminismo e da liberdade de expressão. Sonhou em se tornar uma grande escritora, pois escrever era a sua grande paixão e motivação para viver. Sua maior preocupação sempre foi com o único filho, Howard, que se tornou o depositário de seu legado. Nas obras que deixou, é impossível não notar fortes traços que remetem à sua própria história, característica marcante dessa notável escritora e que, certamente, é o que torna sua escrita tão provocante e ao mesmo tempo tão comovente.

Ela começou a se corresponder com Vigne logo que se instalou em Botswana e o conteúdo de suas cartas, escritas com riquezas de detalhes, revela não apenas as dificuldades financeiras e de adaptação que ela enfrentou no novo país, mas também todo o processo de escrita e luta para a edição de sua obra. Todos esses aspectos poderão ser observados por meio dos excertos das cartas que estão sendo analisadas neste artigo e que demonstram a capacidade da escritora de transformar os seus dilemas pessoais em fatos que contribuem para uma conscientização a respeito das desigualdades, das injustiças e, sobretudo, das diferenças. Como o próprio Vigne declara na introdução do livro:

Eu não tenho tentado extrair das cartas quaisquer lições sobre literatura ou sobre a vida, mas Bessie Head foi uma escritora extremamente talentosa presa num dilema doloroso do qual não havia como escapar. Seus livros são o produto cuidadosamente elaborado do dom e do dilema e muito nas cartas

é produto deles também [...]. Talvez as cartas sejam, por vezes, a igualdade das histórias (VIGNE, 1991, p. 7, tradução minha).

O dilema ao qual ele se refere trata-se da relação ambígua de amor e ódio que Head manteve com Botswana por um longo tempo. Ao escolher tal lugar como seu novo “lar”, motivada por uma oferta de emprego como professora na vila de Serowe e pelo fato de o país se opor ao sistema de segregação racial (mesmo sendo vizinho da África do Sul), Head esperava que as coisas fossem melhorar. No entanto, foi ali que suas maiores batalhas foram travadas. A rejeição continuou a fazer parte da vida da autora, pois, se antes ela convivia com a discriminação na África do Sul, por não ser totalmente branca, agora, em Botswana, tal discriminação se dava pelo fato de ela não ser totalmente negra, como a maioria dos habitantes daquele lugar. Head havia sido classificada como *coloured*. Esse termo, em sua forma original, remete a um momento específico da história e foi criado para um grupo também específico de um determinado lugar, no caso, para os sul-africanos nascidos de relações inter-raciais entre brancos e negros no período do *apartheid* (*Popular Registration Act/1950*).

Isso se torna ainda mais relevante se levarmos em conta que, diferentemente de outros contextos, a mistura de raças na África do Sul era considerada não apenas ilegal (*Mixed Marriages Act/1949*), mas também imoral (*The Immorality Act/1950*). Pode-se então concluir que, quando uma pessoa era “rotulada” como *coloured*, ela carregava consigo uma dupla carga de discriminação, pois ao olhar para ela o que as pessoas (brancas e negras) viam era alguém que trazia estampado na própria pele o resultado da “subversão” e da “imoralidade”, e essa era, portanto, a situação de Head. Além disso, os *coloureds* eram também discriminados por se parecerem com os bosquímanos<sup>4</sup> ou *Bushman*<sup>5</sup>. Em 14 de janeiro de 1969, ela escreve:

[...] Eu não posso mudar-me... de ser uma bosquímana, mestiça ou o seja lá o que for para agradar ninguém. Eu pareço uma *Bushman*, que é uma tribo desprezada aqui... Eu tenho baixa estatura [...]. Tudo bem. Mas poucas pessoas conhecem meu coração e minha mente. Ela viaja por todo o universo, como o vento. Eu realmente vivo com meu coração e minha mente, não com minha aparência. Mesmo se alguém tivesse que me amar,

---

<sup>4</sup> Bosquímano é uma possível tradução para a palavra *Bushman*.

<sup>5</sup> *Bushman* é uma palavra cunhada pelos colonizadores europeus para designar uma tribo africana, considerada por eles como inferior e intocável, por causa de seu estilo de vida frugal, mais simples e próximo da natureza.

certamente seria infantilidade dele amar a minha aparência. Ele pode amar meu coração ou minha mente (HEAD, *apud* VIGNE, 1991, p. 71, tradução minha).

Para Head, uma mulher letrada, o coração e a mente tinham primazia sobre o corpo, sobre a aparência física. No entanto, para a maioria dos habitantes iletrados daquele lugar, as coisas da mente e do coração ficavam em segundo plano. Eles avaliavam o que eles podiam ver.

O teórico indiano Homi Bhabha (2001) utiliza o termo hibridismo para designar, entre outras coisas, a mistura, uma vez que o sujeito híbrido (nesse caso o *coloured*) habita um espaço intervalar, um interstício, um entre-lugar, por não pertencer nem a um grupo nem a outro, nesse caso nem ao grupo dos brancos nem ao dos negros. A esse respeito, Bhabha ainda afirma que “esta é a condição de ser *coloured* na África do Sul [...], ‘a meio caminho entre... ser não definido – e era a própria falta de definição que nunca poderia ser questionada, apenas observada como um tabu, algo que ninguém jamais confessaria, mesmo respeitando-o” (BHABHA, 2001, p. 35).

Enfim, ser *coloured* em uma sociedade em que as pessoas ou são negras ou são brancas é conviver com a discriminação e sob a indefinição. Essa falta de definição, além de questionar a constituição identitária do indivíduo, por vezes, é o que desencadeia o seu isolamento, pois, por sentir-se diferente, ele não consegue encontrar o seu lugar no mundo. Em carta do dia 27 de outubro de 1965, Head escreve: “Eu estava apenas vivendo aqui como a maior eremita que você podia encontrar. Dias e dias de silêncio. [...]. Pouco a pouco, eu me tornei ciente da mais terrível brutalidade nesta aldeia de aparência tranquila. Nada nunca acontece” (HEAD *apud* VIGNE, 1991, p. 9, tradução nossa). O termo hibridismo pressupõe também conflito, como defende Canclini (2013) ao afirmar que “a hibridação não é sinônimo de fusão sem contradições” (CANCLINI, 2013, p. XVIII).

Assim, o conflito, o dilema, a contradição eram o que norteava a vida de Head, pois foi em Botswana também que ela escreveu a maioria de seus contos e romances, retratando com grande sensibilidade a natureza, com seu clima árido e vegetação escassa e também o cotidiano das pessoas, seus costumes e características. Nos trechos a seguir, retirado das cartas dos dias 9 de junho de 1970 e 2 de abril de 1968, respectivamente, é possível identificar essa situação:

Randolph, eu estou ocupada com as provas de Maru. Você sabe que a tortura e o conflito no meu coração nunca vão acabar. Eu te digo que eu odeio tudo aqui, mas quando você lê as coisas que eu tenho produzido neste país, a contradição é tão óbvia (HEAD, *apud* VIGNE, 1991, p.124, tradução minha).

Há coisas que eu encontrei aqui para minha própria vida que eu não posso perder. Eu gosto do jeito que eu sou apenas uma nulidade, uma ninguém. Eu gosto do silêncio e de todas as horas que eu me volto para estudar livros ou me auto-estudar. Eu gosto da maneira que eu tenho de andar milhas para buscar água e levá-la para casa em minha cabeça. E eu apenas gosto dos Batswanas, não dos importantes, mas de todas as pessoas que andam por aí sem sapatos. Eu tenho uma ambição sobre este país, eu disse a mim mesma: O melhor e o mais duradouro amor é o da rejeição. O fato de eu escrever da maneira que escrevo sobre as pessoas daqui, apesar de eles terem dito que eu era louca, com certeza prova que este amor é real (HEAD, *apud* VIGNE, 1991, p. 58, tradução minha).

Aliado às questões da solidão e da rejeição, o trecho acima revela ainda talvez o maior de todos os problemas enfrentados por Head, a acusação e a dúvida sobre sua (in)sanidade. Tal condição era desencadeada por pesadelos, visões e pelo próprio medo de enlouquecer. Na carta do dia 15 de novembro de 1965, ela expõe à Randolph a sua situação:

Caro Randolph,

Enviei-lhe uma nota curta. A comissão da escola queria que eu mesma me certificasse como sã/insana o que eu não pude fazer porque é

1. Humilhante
2. Se eles querem me destruir - por quê? Eu quero deixar Bechuanaland<sup>6</sup>. Não me importa, ao inferno com a política deles. As coisas que eu amo na África estão muito acima do ódio, do ciúme, etc.
3. Será que este negócio de insanidade agora pode bloquear todas as minhas chances de conseguir ir para outro país? Eles podem dizer aos outros governos que eles acham que eu sou louca. Pessoas têm trabalhado nisso contra mim aqui e a polícia também. Todos os refugiados vivem um inferno [...] (HEAD, *apud* VIGNE, 1991, p. 12, tradução minha).

O medo de não conseguir se estabelecer permanentemente na África perseguiu a escritora durante um longo tempo. Essa sensação de instabilidade quanto à permanência, aliada à sua própria instabilidade emocional (causada principalmente pela situação de opressão vivida

---

<sup>6</sup> O nome de Botswana antes da Independência, em 1966.



durante o *apartheid*) gerou um conflito interno que fez com que ela também duvidasse, em alguns momentos, de sua própria sanidade: “Na maioria das vezes eu não confio em mim mesma para escrever cartas sãs para as pessoas, por isso estou sempre me vigiando para saber quando eu causei ofensa (HEAD, *apud* VIGNE, 1991, p. 48, tradução minha).

Além disso, a própria história de vida de Bessie Head parecia fazê-la acreditar que talvez estivesse predestinada a enlouquecer, como nota-se por meio dos excertos das cartas do dia 31 de outubro de 1968 e 19 de novembro de 1969:

Há algo em mim que é o meu próprio jeito e é muito precioso. Minha mãe fez isso dessa forma para mim. Devido ao modo como ela morreu. Eu acho que eu não te disse isso, mas a família da minha mãe trancou-a em um asilo para doentes mentais por dormir com um homem negro. Eu sinto que eles fizeram isso para salvar o nome da família do escândalo e ela estava no asilo no momento em que eu nasci. Eu carreguei isso comigo por um longo tempo. Há uma terrível profundidade de solidão na suposta ou mesmo evidente insanidade. Há mais. Um nascimento, como o que eu tive me liga a ela de uma forma muito profunda [...]. Randolph, eu estou doente do coração neste momento. O mundo é realmente um lugar horrível (HEAD, *apud* VIGNE, 1991, ps. 64-65, tradução minha).

Eu me sinto bem agora, mas meu sistema nervoso inteiro está quebrado. Dores de cabeça súbitas e terríveis me sobreveem. Eu vivo com uma enorme variedade de comprimidos. [...] A verdade é que eu frequentemente me sinto gravemente doente e eu não sei o que há de errado comigo (HEAD, *apud* VIGNE, 1991, p. 103, tradução minha).

Nota-se, portanto, que a insanidade de Head não trazia consequências apenas psicológicas, mas também físicas. Esses problemas, por vezes, faziam-na pensar que morreria precocemente, como ela expõe em parte da carta do dia 14 de março de 1970 ao escrever: “Não se preocupe com a tentativa de me tirar daqui Randolph, eu só disse na época que se eu tivesse de morrer eu preferiria alguém como você para cuidar do Howard (HEAD, 1991, p. 119, tradução minha). Para Vigne, no entanto, a “loucura” de Head é fruto de todos os problemas pelos quais ela passou ao longo da vida. Em suas palavras:

Ela não era nem paranoica nem esquizofrênica, maníaco-depressiva ou psicótica. Em termos mais simples, ela não estava, em sentido próprio, "louca". Ela era o produto de uma profundamente perturbadora infância insegura, torturada por seu status como "*Coloured*" (enquanto não pertencente a nenhuma comunidade designada pelo termo no perverso

sistema do apartheid), constantemente meditando sobre a história de doença mental de sua mãe e sua própria concepção, ela era assombrada por um permanente sentido de alienação e solidão, o medo da loucura e o sentido de uma vindoura morte precoce (VIGNE, 1991, p. 6, tradução minha).

Apesar disso e, embora tenha passado algum tempo em hospitais psiquiátricos, ela parece ver no amor pelo filho e, principalmente, em sua escrita, os únicos meios de escape. Em 29 de outubro de 1966, ela escreve: “Estou determinada a sobreviver. Por causa do Howard. Eu o meti nessa confusão medonha. E se a escrita pode abrir algumas portas de dignidade e respeito que eu tanto necessito; então, muito em breve eu abrirei um caminho para mim” (HEAD, *apud* VIGNE, 1991, p. 45).

### **Considerações Finais**

As missivas reunidas no livro tratam especialmente das dificuldades de Head em desenvolver a sua escrita e, posteriormente, em publicar os seus contos e romances, por diversos motivos. Cada uma dessas cartas nos oferece a oportunidade de transitar pela história de vida da autora, através da intimidade de suas reflexões e das relações de ódio, amor e amizade, bem como pelas experiências singulares de momentos de sanidade e insanidade. Tais cartas, além de documentar seus trajetos individuais, ainda funcionam como testemunhas de opiniões e cenários de determinadas épocas, o que lhes confere um caráter híbrido. Desse modo, transitar por essa ampla literatura epistolar é localizar-se nos interstícios entre a narrativa documental e a ficcional, entre a história e a literatura, entre a escrita de si e a perspectiva do outro, como quer Foucault.

Durante muito tempo, a obra de Head não foi reconhecida pela literatura mundial, mas felizmente, isso tem mudado. Bhabha (2001) situa a autora entre os grandes escritores da literatura africana, ao afirmar que:

[o]s romances sul-africanos de Richard Rive, *Bessie Head*, Nadine Gordimer e John Coetzee são documentos de uma sociedade dividida pelos efeitos do *apartheid*, que convidam a comunidade intelectual internacional a meditar sobre os mundos desiguais, assimétricos, que existem em outras partes” (BHABHA, 2001, p. 24, grifo meu).

Colocando-a entre os premiados com o Nobel da Literatura, o teórico confirma a legitimidade da obra de Head como uma das representantes da literatura que denuncia os efeitos do sistema de *apartheid* e que chama a atenção para as questões do racismo e da diferença. Para Michael Chapman (1996), Head está entre os grandes contadores de histórias por sua produção de contos e romances. A respeito da escritora, ele observa que:

Nessas histórias da aldeia estão simultaneamente histórias da sociedade que se modernizava, mas também são versões da própria história de Head. Nascida *coloured* na racista África do Sul, Bessie Head falou de sua própria dor, ressentimento, raiva e solidão nos contos de horror de seu nascimento ilegítimo. Ser filha de uma mulher branca que teve uma ligação com um homem africano parecia confirmar sua instabilidade mental e ela foi enviada para uma instituição. Bessie foi passada de pais adotivos brancos para *coloureds*, sofreu traição no casamento e, por fim, procurou sua própria comunidade de pertença para além das fronteiras do estado do *apartheid*, em Serowe, a aldeia de suas histórias. É como se o terror autobiográfico fosse mantido em xeque pela expressão da comunidade que preenche seus contos. Em contraste, o romance pode ter apresentado Head com o imenso e isolado espaço dentro do qual ela trava uma batalha com seus próprios demônios (CHAPMAN, 1996, p. 381).

Na citação acima, Chapman traça um paralelo entre as histórias dos contos e romances de Head e sua história. Ele usa inclusive o termo “autobiográfico” para se referir a essa relação. No entanto, entendo a autobiografia como um gênero literário (o gênero abarca ainda o testemunho e a memória) em que a própria pessoa narra suas experiências de vida, ou seja, em que ela escreve na primeira pessoa do singular, o que não é o caso do romance, que, na maior parte do tempo, é narrado em terceira pessoa. Por isso, embora, em alguns momentos da narrativa, a autora extrapole os limites entre ficção e realidade, prefiro não utilizar o termo autobiografia, dando preferência a uma abordagem que apenas reafirma a semelhança existente entre a ficção e a realidade.

Para o crítico e ensaísta Adetokunbo Pearse (1983), professor titular da Universidade de Lagos – Nigéria e aspirante a governador no estado de Lagos pela plataforma do Partido Democrático Popular (PDP), “nenhum trabalho da literatura africana que lida com o tema da loucura consegue captar a complexidade e intensidade da mente insana, como Bessie Head o faz em *A question of power*” (PEARSE, 1983, p. 81, tradução nossa). Em seu ensaio “Apartheid and madness: Bessie Head’s *A question of power*”, Pearse oferece uma leitura

psicanalítica do romance da escritora, argumentando que “a pressão na mente insana de Bessie Head e sua capacidade de falar a língua altamente simbólica derivada da loucura, ao que parece, é uma combinação da experiência pessoal dolorosa de aberração mental e um interesse em teorias psicanalíticas” (PEARSE, 1983, p. 81, tradução nossa).

Em outras palavras, na visão de Pearse, Head consegue retratar a complexidade de uma mente insana devido a dois fatores: o primeiro está ligado à experiência pessoal da autora, que também sofreu colapsos mentais ao longo da vida e o segundo, a um provável interesse pelas teorias psicanalíticas, o que a habilitou a descrever “a linguagem altamente simbólica derivada da loucura” com grande verossimilhança. Assim, percebe-se que Pearse também compartilha da ideia de que o romance *A question of power* possui traços que aproximam grandemente a ficção da realidade. Para o articulista ainda, a intenção de Head em *A question of power* é bastante didática, uma vez que a autora:

Prega contra a discriminação racial, a segregação social e contra a vida obcecada pela busca da riqueza material e poder. Ela condena a opressão e exploração humana em todas as suas facetas e deseja uma sociedade multirracial que utilize o aspecto viável de ambas as culturas: brancas e negras para o bem comum de todos (PEARSE, 1983, p. 91).

De acordo com Pearse, o romance *A question of power* não tem o poder de destruir os efeitos do *apartheid*, mas tem o poder de dramatizar a sua capacidade de perturbar a harmonia e o equilíbrio social e de ameaçar a sanidade humana. (PEARSE, 1983, p. 92, tradução nossa). É por razões como essas que, para os autores acima citados, Bessie Head está localizada entre as grandes escritoras negras sul-africanas da atualidade e suas obras têm contribuído, não só para o enriquecimento da literatura africana, mas também da literatura mundial.

Por meio das cartas que Bessie Head trocou com Randolph Vigne, percebe-se que ela utiliza sua escrita como ferramenta de conscientização na luta contra os padrões hegemônicos pré-estabelecidos e na construção dos processos de resistência e empoderamento. No entanto, como texto literário composto por uma diversidade de temas, que aqui se restringiram a alguns recortes apenas, e permeado por tantas particularidades, posicionamentos dúbios, antíteses e mesclas, não poderíamos aprisioná-lo a uma única interpretação. Assim, creio que uma das considerações a que se é possível chegar, em relação a essas correspondências, é que elas são magnificamente perturbadoras, na medida em que, por meio de uma mente que oscila

entre a sanidade e a insanidade, nos revelam fatos que nos permitem pensar sobre as diferenças, as desigualdades e marginalizações que existem em “outros” lugares, mas que podem e devem conectar-nos à nossa própria realidade.

## **Referências**

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

\_\_\_\_\_. The third space. In: RUTHERFORD, Jonathan (ed). *Identity: community, culture, difference*. London: Lawrence & Wishart, 1990, pp. 207-221.

CANCLINI, Néstor G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ª ed. 6ª reimp. São Paulo: Edusp, 2013.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. *O que é um autor?* Trad. António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Editora Vega. 1992. ps. 129-160.

GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádya Battella (Org.). *Prezado senhor, prezada senhora. Estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PEARSE, Adetokunbo. *Apartheid and madness: Bessie Head's A question of power*, Kunapipi, 1983. Disponível em: <<http://ro.uow.edu.au/kunapipi/vol5/iss2/9>>. Acesso em: 10 set. 2015.

VIGNE, Randolph. *A gesture of belonging: letters from Bessie Head, 1965-1979*. United States of America: Heinemann Educational Books, Inc, 1991.